

Tempo sem pressa

Everaldo Soares Júnior

Na memória, a casa é o tempo. Morada das lembranças. Paisagens que recordo. Tudo bem perto, a casa em cima da ladeira e o rio embaixo, a linha do horizonte paralela ao fio de água onde, no final da tarde, o sol vinha distribuir suas cores tristes. O quintal era um mundo mais importante do que a entrada da casa, como também do que a vida da escola que ficava do outro lado da estrada. As margens do riacho eram cobertas das ramas verdes dos jerimums e das batatas-doces. A ladeira não era tão íngreme, começava na beira do rio e terminava nos fundos da casa. Compondo esse cenário, a porta de zinco e a janela fechada com um pano de lona amarela, desbotado. Do lado esquerdo, a lavanderia, o poço de água muito profundo e o quarto com a latrina. Do outro lado, uma mangueira bem alta, onde eu passava a maior parte do tempo brincando sozinho.

O pano de lona da janela protegia a cozinha do sol da tarde, mas também daí se via todo o pátio até o horizonte. Junto da cozinha era o quarto pequeno onde minha irmã dormia na rede. O primeiro quarto era do pai e da mãe. Tomando quase todo o espaço, a cama grande com o colchão de palha. Ao lado, o guarda-roupa velho, escorado na parede, com a porta arrebitada. O interior da casa era sombrio, as cores pardacentas cobriam as paredes esburacadas, o piso e o teto. A porta da entrada ficava sempre fechada, o corredor estreito ia até a porta de zinco. Na cozinha, o barulho das panelas e os resmungos da mãe era somente o que se ouvia. Tempo sem pressa.

Uma nesga de história me chega à memória. Muito mais pelos sons do que pelas imagens. Uma explosão veio lá do lado de fora. Fiquei paralisado por alguns instantes. Eu estava embaixo da mangueira frondosa com minhas bolas de gude, tentava acertar uma bola com a outra, de forma que a bola batida fosse parar no buraco, logo adiante. Já tinha acertado duas, no alvo, quando uma gargalhada explodiu lá da entrada nos meus ouvidos. Imobilizado pelo susto, logo reconheci que era ele.

Voltara para casa mais cedo, mau sinal. A explosão de gargalhadas continuava e agora acompanhada pelas batidas na porta, fazendo uma outra explosão percorrer toda a casa até o pátio. A mãe correu para abrir a porta, mas foi tarde. A porta, com uma nova batida, abriu-se, derrubando-a no

chão. Ouvi o som seco do seu corpo caído e as explosões de repetidas gargalhadas.

O silêncio não teve tempo de se fazer e novamente ouvi a pancada do seu corpo no chão. As gargalhadas não paravam e ela saiu correndo e chorando, para a beira do riacho, parecia que tudo ia se acabar. Escorei as costas no tronco da mangueira e deslizando fui parar no chão. Fiquei ouvindo o coração bater forte. As carnes tremiam dos pés à cabeça. Devagar, me abracei e com as mãos alisei o pescoço, o tórax, a barriga e o sexo. Respirei várias vezes tentando não ouvir mais nada.

Tudo começou de novo, o estrondo agora era do guarda-roupa sendo derrubado. Ouvi a gargalhada recomeçar e olhei para a janela, que não tinha mais a lona. Vi o pai, com a espingarda de cartuchos nas mãos, debruçado sobre o parapeito de madeira velha que fazia o aro do buraco da janela. A cachaça tinha soltado os seus demônios. Olhei para o lado do rio e vi a mãe se arrastando, procurando se esconder. A espingarda voltava seu cano para as imediações do riacho e o dedo no gatilho detonava o primeiro estampido, que foi seguido da explosão de muitas gargalhadas e de soluços agudos.

A tarde demorava, a claridade insistia em iluminar o quintal, as cores e o contorno das plantas, da ladeira e de tudo mais, inclusive a figura do pai na janela fazendo pontaria para o segundo disparo. Estremeci, não sabia onde ela estava.

O tiro fez eco no horizonte onde o sol recolhia lentamente seus últimos raios coloridos, a escuridão começava a tomar conta de todo o cenário triste. Silenciosamente me deitei no chão, debaixo da mangueira. Respirei fundo e com as mãos recomecei a alisar meu corpo trêmulo. As mãos nervosas tocaram meu rosto e fui apalpando parte por parte até os pés. Fiz o movimento de volta e parei. Com as duas mãos segurei meu pênis e meus testículos, preni a respiração e apertei com força. Senti dores, abri as mãos. Repeti a experiência várias vezes. Reclinei a cabeça no tronco da árvore e estirei o corpo todo em cima da terra. Imóvel, calado, pedi, não sei a quem, para que a tarde fosse logo embora.

O terceiro estrondo encontrou a escuridão e não foi seguido da gargalhada explosiva, somente soluços estridentes eu ouvia. Parecia que tudo estava acabando. Abri os olhos e procurei distinguir no escuro o que estava em meu redor. Vi a ladeira, a casa e as águas do riacho correndo. Olhei para cima e os galhos da mangueira não encobriam o céu escuro.

Deitado embaixo da árvore olhava a casa, que parecia uma mancha cinzenta de contornos borrados. Não sei como o tempo passou, se foi rápido ou devagar. Tudo era muito confuso na minha cabeça, tinha perdido os pensamentos, não me lembrava mais do canto valente dos bem-te-vis,

que ouvia pela manhã, nem mesmo dos grunhidos agressivos dos pardais. A estrada, a escola, a minha professora, nenhuma idéia demorava. Estava cansado de tudo.

Continuei confuso e não sei quanto tempo se passou naquele fim de tarde. Levantei devagar e me escorei no tronco da mangueira. Procurei enxergar algum vulto para os lados do rio e de repente ouvi passos em minha direção. Era a mãe. Olhou pra mim e sem nada falar me abraçou. Seu corpo estava molhado de suor e sujo de areia. Os ramos de jerimum e de batata, presos nos braços, adornavam a sua imagem de sobrevivente. Segurou firme a minha mão, caminhando com cuidado para a porta de zinco. Subindo os batentes, começamos a ouvir o ronco alto e ritmado. Ele dormia e isso nos aliviava. Andei para o segundo quarto. Minha irmã, na rede, abraçada com a boneca, também dormia. Descobri o colchão com os pés, deitando-me sem fazer nenhum ruído. Respirei o cheiro quente do suor que invadia todo o espaço. Foi essa a última marca daquela tarde. De uma tarde que nunca terminou.

Everaldo Soares Júnior

João Pessoa, 28 de março de 2006